

Concepções de infância por Roberto Carlos, o escritor

Cristiano José Pereira^{1*}

Resumo: A década de 60 foi um período de efervescência cultural no mundo. No rock'n' roll, os Beatles eram a referência. A música não foi a única expressão de artistas como John Lennon, que escreveu dois livros e participou de vários filmes. Dentro desse contexto, o presente artigo possui o objetivo de elucidar elementos de uma faceta pouco conhecida do cantor e compositor brasileiro Roberto Carlos, a de escritor. A infância – e suas concepções no livro de Roberto Carlos – são temas do presente estudo.

Palavras Chaves: Música, livro, infância.

Summary: The decade of 60 was a period of cultural effervescence in the world. In the rock'n' roll, Beatles was the reference. The music was not the only expression of artists as John Lennon, that wrote two books and it participated in several films. Inside of that context, the present article possesses the objective of elucidating elements of a facet not very the singer's acquaintance and Brazilian composer Roberto Carlos, the one of writer. The childhood – and its conceptions in Roberto Carlos book – they are themes of the present study.

Keywords: Music, book, childhood.

INTRODUÇÃO

A década de 60 foi pródiga em mudanças culturais no mundo. A banda inglesa The Beatles foi um grande símbolo dessas mudanças que operaram-se em múltiplas regiões, massificando o rock'n' roll como a música jovem por excelência no mundo. Logo o grupo percebeu que sua atuação, além da música popular, poderia desdobrar-se em outros setores culturais: filmes como “A Hard Day's Night” (1964), “Help!” (1965), “Magical Mystery Tour” (1967) e “Let It Be” (1970) são exemplos de que a música gerava, de forma irresistível, produtos que eram avidamente consumidos pela infância e juventude em quase todos os recantos do planeta.

Um dos Beatles, John Lennon, desde criança, dedicava-se a desenhos e a seus escritos – poemas ou histórias. Quando tornou-se sucesso mundial com os Beatles, Lennon viu a oportunidade de publicar alguns de seus trabalhos. Em março de 1964, um pouco antes de rodar o filme “A Hard Day's Night” (rebatizado de “Os Reis do iê-iê-iê” no Brasil), John Lennon lançou o livro “In His Own Write”, o qual foi *best-seller*, “superando até mesmo as aventuras de James Bond”, (VILLARES,1984:34) de Ian Fleming. Em junho de 1965, John

¹ * *Mestrando em História Econômica (Depto. de História – FFLCH-USP).*

Lennon lançou o seu segundo livro, “A Spaniard In The Works”, mais ácido do que o anterior. O autor critica instituições, tais como as eleições gerais inglesas, e o livro também possuía referências nada abonadoras para seu pai, (VILLARES,1984:41) que anteriormente o abandonara quando criança.

John Lennon possuía consciência de que os seus escritos atingiriam públicos diversos, que poderiam aceitar tipologias diferentes de expressão. Para o cantor e compositor inglês, era importante expressar seus anseios íntimos: “Para me expressar eu escrevia ‘Spaniard In The Works’ ou ‘In His Own Write’, histórias pessoais que exprimiam minhas emoções pessoais. Eu possuía um John Lennon separado, que escrevia canções para o mercado.” (VILLARES,1984:38)

No auge da “Beatlemania”, um cantor abandonava canções do estilo da Bossa Nova para dedicar-se ao rock 'n roll: Roberto Carlos.

ROBERTO CARLOS E O IÊ-IÊ-IÊ

Após sucessos como “Parei na Contramão”, “O Calhambeque”, e principalmente “Quero Que Vá Tudo Pro Inferno”, Roberto Carlos tornou-se o Rei do iê-iê-iê brasileiro, canalizando para si próprio uma fatia da obsessão do público brasileiro por ídolos ou heróis, que na época era sublimada parcialmente através da chamada “Beatlemania”. Roberto Carlos passou a atingir boa parte desse público que dantes dedicava-se a idolatrar tão somente os “cabeludos” de Liverpool.

As discussões sobre a validade das expressões artísticas da Jovem Guarda ou de Roberto Carlos são discutidas até hoje. Na década de 60, Roberto Carlos percebeu que ter a sua imagem associada ao programa Jovem Guarda, gírias ou música não eram suficientes para seus objetivos artísticos. Antes de rodar o seu filme “*Roberto Carlos em Ritmo de Aventura*” (1967), Roberto Carlos fugia de possíveis acusações de imitar o que os Beatles faziam: “Assisto aos filmes dos Beatles, mas sem o intuito de imitá-los. Meu público sabe que eu sou autêntico e, por isso, me acompanha.”(PUGIALLI,2006:166) Estimulado pelo grande sucesso do primeiro filme, Roberto Carlos lançou posteriormente os filmes “*Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-Rosa*” (1969) e “*A 300 Km Por Hora*” (1971)

Mesmo preocupando-se em afirmar que não imitava os Beatles, Roberto Carlos queria associar a sua imagem a outras facetas culturais além da música, televisão ou cinema. Pouco antes de começar a rodar “*Roberto Carlos em Ritmo de Aventura*”, Roberto Carlos, aos 26 anos, lançou pela Editora Formar, uma editora paulistana situada no bairro da Mooca, o seu

livro em quatro volumes “*Roberto Carlos em Prosa e Versos*”, que possuía o seguinte frontispício: “Este livro foi publicado em 14 de maio de 1967, como homenagem do autor ao Dia das Mães.” (ROBERTO CARLOS,1967,v. 4:19)

Para um cantor/compositor que se aventurava como escritor, a “homenagem” prestada por Roberto Carlos já anunciava mudanças. Não era um livro, portanto, para só crianças e/ou jovens lerem. Era um livro dedicado às mães. Naturalmente, atraindo a atenção das mães, outros públicos seriam basicamente atingidos. O livro de Roberto Carlos é pouco (ou nada) conhecido, como um todo, pela crítica ou historiografia formada até hoje sobre o cantor.

Livros lançados no início do atual século XXI sobre a *Jovem Guarda*, tais como o “*Almanaque da Jovem Guarda*”, de Ricardo Pugialli, ou uma biografia não-autorizada, “*Roberto Carlos em Detalhes*”, do historiador Paulo César Araújo, não possuem quaisquer referências sobre a publicação do livro de Roberto Carlos. Já “*Como Dois e Dois são Cinco: Roberto Carlos (& Erasmo & Wanderléa)*”, do jornalista Pedro Alexandre Sanches, faz uma breve menção ao livro “*Roberto Carlos em Prosa e Versos*”:

Bancada pela editora Formar e feito de poemas ingênuos [grifo nosso], a coleção é outra das obras que RC [abreviação do autor] jamais deixou que fossem relançadas após a edição original. (SANCHES,2004:74)

Entretanto, dos quatro volumes de “*Roberto Carlos em Prosa e Versos*”, os três primeiros contém, como o próprio título afirma, versos e prosa do cantor, com maior predominância da última, em forma de pequenas crônicas. O terceiro volume possui uma pequena peça em três atos, denominada “*Edelweis[s]: a fadinha barra-limpa*”, uma fadinha de aproximadamente 16 anos, aprendendo com Sérgio (14 anos) e Rosana (13 anos) a “onda” do iê-iê-iê. (ROBERTO CARLOS,1967,v.3:149-187) O quarto volume contém uma coletânea de versos de outros autores dos quais o cantor se agradava, tais como Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira. “O meu livro não tem fim, eu voltarei em uma nova ocasião, se o público aceitar.”(ROBERTO CARLOS,1967, v.1:6)

Portanto, os quatro volumes não são compostos de “poemas ingênuos”, como Pedro Alexandre Sanches afirmou. Todavia, o jornalista têm razão em afirmar que os livros jamais foram relançados, por motivos não especificados. Outra de suas opiniões não possui, após uma análise mais aprofundada, reais fundamentos: Roberto Carlos “virara escritor de banalidades nos pequenos livros *Roberto Carlos em Prosa e Versos*.” (SANCHES,2004:74)

Não podemos afirmar, de forma alguma, que as crônicas de Roberto Carlos sejam meras “banalidades”. Ao contrário: o cantor que arriscava-se como escritor, em nossa opinião, produziu textos que são extremamente pertinentes para a compreensão do artista sobre, dentre outros assuntos, a infância brasileira.

Dentro do contexto já apresentado de que Roberto Carlos possuía como público principalmente os jovens e através da publicação de “*Roberto Carlos em Prosa e Versos*” passou a querer atingir públicos de faixas etárias diferentes através da literatura, analisaremos um aspecto que assume um papel de destaque em seu livro: a infância, esta diretamente relacionada a ele, Roberto Carlos, ou a histórias relacionadas a outras pessoas.

INFÂNCIA E LIBERDADE DE LEMBRAR-SE DO PASSADO

O assunto “infância” associado rotineiramente a Roberto Carlos passa principalmente pela associação de um evento ocorrido com o cantor quando criança (a perda de uma perna por atropelamento por um trem, aos seis anos de idade) com a letra das músicas “Traumas” (disco Roberto Carlos, 1971) e “O Divã” (disco Roberto Carlos, 1972). (ARAÚJO,2006:28-29).

Entretanto, Roberto Carlos sempre preocupou-se em associar sua ação como artista tendo como referência a infância nos aspectos que lhe eram positivos: “As minhas músicas, sem dúvida, nascem da minha infância. São sentimentos que experimentei muito na adolescência. Não tenho vergonha deles.” (HISTÓRIA DA MPB,1971:6). O seu livro também revela uma disposição de falar sobre esses mesmos sentimentos sobre infância de uma maneira sincera, sem erudições desnecessárias.

Roberto Carlos afirma que a idéia de publicar um livro era antiga: ele possuía uma “malota velha”, que chama de “caixa do tesouro”, “agenda”, ou “diário secreto”, (ROBERTO CARLOS,1967,v.1/v.4). O cantor/escritor sabia que escrever sobre suas emoções era importante, mas sem esquecer-se de que a literatura não seria a sua atividade artística principal, de acordo com a crônica “Vamos Escrever”:

É bom escrever. Gravar no papel tudo o que sai da cuca. Mas, uma coisa eu digo: escrever de barriga vazia não é bom. A inspiração já está começando a “se arrancar”.

Então vamos comer um churrasco, meu chapa?

– Vamos.

– *E depois? Você volta a escrever?*

– *Depois eu vou pegar o violão e vou cantar. Nem só de escrever se pode viver.*

(ROBERTO CARLOS, 1967, v.2, p.50)

Roberto Carlos não deixa de fazer as suas reflexões no ato de escrever. Escrever era sinônimo da expressão de diferenciados sentimentos através da literatura. Entretanto, a literatura para ele não era uma forma de vida. Cantar era mais importante, isso lhe possibilitava não ficar de “barriga vazia”. A inspiração se “arranca”, e a arte passa a ter plano secundário. Ser cantor, além de prazer, trazia a possibilidade de comer um churrasco, sempre que assim o desejasse.

Em seu livro Roberto Carlos trata do impacto do iê-iê-iê sobre a juventude, do amor retratado de uma forma casta, sem duplos-sentidos, e, como temas principais, a infância, sua e de outras crianças, e também da importância que os brinquedos assumem para os pequenos que são pobres. Roberto Carlos – o pequeno “Zunga” – teve uma infância pobre, sem muitos brinquedos, de acordo com um texto lido por ele próprio num show de fim-de-ano na Rede Globo, em 1978:

Para mim todos os anos são os da criança. Eu disse várias vezes que fui um menino pobre. Mas era muito feliz. Tinha de meu os brinquedos dos outros e os meus próprios sonhos. Eu gostava muito de dormir ao vento, sob as árvores verdes e sabiás. Dos muitos sonhos que tive na infância um segue a minha lembrança até hoje. O de continuar um pouco o Zunga com a vontade de nunca prejudicar e humilhar ninguém. (www.cachoeiro.es.gov.br/casaroberto/infancia.asp.

Acesso em 27-01-2007.)

TEMAS PRINCIPAIS: INFÂNCIA EM FAMÍLIA E BRINQUEDOS

Todos os volumes do livro “Roberto Carlos em prosa e versos” possuem referências diretas sobre a infância. Alguns pontos são enfatizados com emoção por Roberto Carlos, tais como a família. No livro vemos crônicas sobre seus irmãos Norma, Carlos Alberto e Lauro, sobre uma avó, sobre o Tio Ludovico. A presença da família foi fundamental na formação do pequeno Zunga, futuro escritor. Vejamos a crônica “Bola de Gás”:

Ganhei uma bola de gás como todos os meninos. (...) Estava contente da vida com minha bola de gás. (...) Um repelão mais forte e a bola, a minha bola querida se

escapa do meu cordão. (...) E choro, choro a bola da infância. Coitada, sozinha na amplidão.

– Mamãe, a minha bola não vai ficar com medo? (...)

– Quando você for grande e forte, você vai esquecer das bolas.

Eu dormi, mas até hoje não esqueci da minha bola. Fui ao Ibirapuera e comprei as bolas de todos os boleiros e soltei todas de uma vez só.

– Pra fazerem companhia à bola escapada da minha infância gamada.

(ROBERTO CARLOS, 1967, v.1:96-97)

Para Roberto Carlos, sempre existe o ponto de vista do presente com o olhar saudoso da infância. A sua relação com os pais era de mútuo diálogo e compreensão. O recurso de dirigir-se diretamente ao leitor está presente nos dois fragmentos de texto. Este é um recurso estilístico utilizado para diminuir a distância do escritor e do leitor, causando a este uma maior empatia com o texto. Portanto, Roberto Carlos não era um escritor inocente. A sua vivência como cantor/compositor foi plenamente utilizada em seu livro.

Falar sobre brinquedos foi outro tema recorrente nos quatro volumes do livro de Roberto Carlos. Lembrar-se do cavalinho de pau, do soldadinho de chumbo, da bola de gás, do “carango” tão cobiçado. A menina pobre que ganhou um brinquedo mereceu um destaque especial, na crônica “A Boneca”:

Parei na beira da estrada pra tomar um copo d’água. Entrei no bar, desses bares-empórios, como existem muitos no interior. Tem de tudo. Bebida, café, arroz e feijão, pano de chão, bolas e bonecas.

Havia uma garotinha descalça com os olhos fixados nas bonecas. Bonecas de massa, todas iguaizinhas, gêmeas de tudo, até no vestido e no brilho do verniz no rosto. Encantada a menininha com os olhos pregados na boneca. Peço ao vendeiro a boneca.

– Toma, garota, é tua.

A garotinha ficou com os olhos espantados. Não disse coisa alguma, estava paralisada de tudo.

O vendeiro confirmou – toma, é sua o moço deu pra você. E a garota nada. Pego a boneca e sento-a num caixote com as perninhas abertas e os bracinhos levantados.

– Olha, garotinha, quando você quiser, você pega a boneca. É sua, viu? Quando ia indo embora, a garotinha corre e me abraça as pernas. Vejo lágrimas escorregarem em seu rostinho empoeirado.

Lá longe, eu vou indo e olho pra trás. A garotinha com a boneca feliz, feliz como ninguém no mundo.

Eu dei pra ela a boneca. E ela, o afago que ainda sinto e continuarei sentindo em minhas pernas. Afago quente, ofegante e maravilhoso.

Estamos quites, garotinha! (ROBERTO CARLOS, 1967, v.1:120-122)

A garotinha descalça não se importava se as bonecas eram todas iguais, rostos e vestidos idênticos, fabricadas em série. Ela queria a boneca, mas não podia comprá-la. Quando Roberto Carlos lhe deu a boneca, ela, no princípio, acanhou-se, mas depois agradeceu da forma que pôde: chorando, abraçou as pernas de seu benfeitor. Era o afago “quente, ofegante e maravilhoso” que tornava possível Roberto Carlos dizer “Estamos quites, garotinha!”. Agradecimentos sinceros de ambas as partes. Ressaltamos que Roberto Carlos, na crônica, parara no bar para tomar um copo d’água, e não uma bebida alcoólica. Não seria adequado o diálogo entre um artista e cantor benemérito com álcool no sangue com uma garotinha descalça que desejava uma boneca na vitrine.

O escritor também não poderia deixar de lembrar-se da criança que começava a trabalhar precocemente, mesmo que esta ainda não tivesse consciência disso, na crônica “Ela e a marmitinha”:

Lá vai ela. Lá vai, que vai correndo, parando, olhando, ligeira. Lá vai ela de marmitinha. Onde vai, com tanta pressa, a formiguinha? Pezinhos no chão, ela é pretinha. Uma poesia solta no asfalto da cidade.

Lá vai a senhoritinha da marmitinha, levar comidinha, pro papaizinho, na fabriquinha. Tudo é mimoso na garotinha, que eu até tenho vontade de diminuir tudo à sua volta, pra ficar tudo do tamanhinho dela. A rua tem que ser ruazinha também e o pai é papaizinho.

Lá vai a boneca pretinha, um sonho solto na vida, levar o alimento do homem que labutou, que lutou e fez, naquele dia, crescer o nosso Brasil, lá vai, em passinhos mil, a boneca franzina que sustenta o trabalhador, levando-lhe a marmitinha e um beijo de amor. (ROBERTO CARLOS, 1967, v.2, 46-47)

A fábrica fazia parte do contexto da “poesia solta no asfalto da cidade”. A criança precisava levar a marmita para o pai, mas só comida era insuficiente. A menina e o pai tinham mais um vínculo, o do alimento levado com o “beijo de amor”. Era necessário que a menina levasse o alimento, o pai não podia ficar sem ele. A menina era tão pequena fazendo este trabalho que Roberto Carlos diminuiu a cidade, para que tudo ficasse do tamanho dela.

Analisando as concepções de infância expressas no livro “Roberto Carlos em Prosa e Versos”, podemos afirmar que existe uma ênfase nos aspectos positivos que a infância

possuía, tanto para ele próprio, Roberto Carlos, quanto para crianças que muitas vezes eram muito pobres, ao contrário dos “traumas” e citações em mantra do verso “Essas recordações me matam”, da música “O Divã”, tão enfatizadas atualmente em livros sobre Roberto Carlos. Vivo e consciente de sua arte, o cantor, em suas crônicas, fala sobre alegria, espontaneidade, inocência, pureza. A onipresença dos pais era marcante. Não importava a condição econômica deles, pois o apoio e o diálogo eram mais importantes. Em sua infinita pureza e criatividade, as crianças, Roberto Carlos incluso, eram capazes, com tempo para brincar, de transformarem pobreza e decepções em espontaneidade, alegria, esperança.

CONCLUSÃO

Roberto Carlos não mais dedicou-se a escrever livros, talvez porque a sua carreira como cantor/compositor solidificou-se, principalmente após a sua vitória no festival italiano de San Remo, em 1968, com a música “Canzone Per Te”, de Sergio Endrigo. A partir daí, a crítica diminuiu suas diatribes e o público passou a aclamá-lo, cada vez mais, como o insuperável Rei da música brasileira. As críticas, favoráveis ou não, viriam. Portanto, Roberto Carlos resolveu publicar seu livro, registrando o que fez na crônica “Ponto Final”:

Chegamos ao fim sem terminar, porque muito se poderia ainda dizer. Dirão talvez de mim que na realidade não estou nem cru e nem cozido. O que importa, porém, acima de tudo, é que nessas páginas eu disse que fui feliz, amei, cantei e vivi e tudo indica que vou continuar sorrindo, amando e vivendo a cantar. E quem sabe, um dia, voltaremos a nos encontrar, em outro dia de sol, em outras páginas... já menos cru e mais cozido. Brigado, viu?

Ba-aaaaiii!!!” (grifos originalmente em itálico)

(ROBERTO CARLOS, 1967, v.4:188)

Embora a historiografia anterior não tenha contemplado a importância ou mesmo a existência de seu livro, esperamos, através desse artigo, ter sanado tal lacuna. Evidentemente, não esgotamos o tema. O livro possui muitos elementos dignos de nota, os quais escapam aos limites deste texto. Preferimos trabalhar com as concepções de infância que Roberto Carlos externou através de seu livro.

Ao contrário de John Lennon, que escreveu seus livros colocando grande ênfase em seu ressentimento por ter sido abandonado quando criança pelo pai, e, em boa parte, também pela mãe, Roberto Carlos teve uma infância feliz, com múltiplas lembranças, brinquedos e

brincadeiras. Atualmente, livros que foram publicados sobre o cantor/compositor enfatizam tão somente as nuances infelizes do atropelamento que Roberto Carlos sofrera aos seis anos de idade, e as conseqüências que este acidente trouxe para as suas músicas que são tidas como profundamente confessionais, tais como “Traumas” ou “O Divã”.

A presença dos pais para as crianças, segundo Roberto Carlos, era fundamental. Eles tinham que proporcionar aos filhos segurança, respeito e principalmente confiança. As crianças, dessa forma, teriam condições de serem jovens ou adultos mais responsáveis, “barra limpa”, mesmo que muitas vezes eles gostassem de “iê-iê-iê” ou deixassem o cabelo crescer. “Ele [o jovem] necessita ter suas experiências e a onda passará. Talvez não passe – e os jovens todos usarão cabeça cabeluda. Mas o caráter não está no cabelo, não é verdade?” (ROBERTO CARLOS, 1967, v.1:114).

A presença da pobreza de várias crianças nas crônicas de Roberto Carlos não é acidental. O próprio cantor fora um menino pobre, que criava seus próprios brinquedos, tais como rodar pneu:

Eu me lembro daqueles tempos em que rodava pneus com meus amiguinhos pelas ruas da minha Cachoeiro.

As mãos da gente ficavam como negros pássaros. O corpo também, mas de manchas diferentes em colorido: vermelho de barro, preto de graxa, verde de mato.

Lá vamos com nossos pneus rolando por todo canto. Vamos, vamos, ia gritando e cantando. (ROBERTO CARLOS, 1967, v.1:107)

Assim, era necessário que as crianças tivessem a compreensão dos pais de que o período da infância teria que ser acompanhado de disponibilidade de tempo e de liberdade. Sem tempo para brincar, as crianças não seriam felizes. A menina que leva a marmita para o pai também precisava de tempo para ser criança.

Brinquedos, tais como a bola de gás, ou o “carango” são elementos que Roberto Carlos dedicava muita atenção quando já adulto. Numa crônica, ele resolveu soltar bolas para relembrar a infância, tal como o descrito na crônica “Bola de Gás”. Também a paixão por “carangos” em disparada está latente em músicas como “Eu Sou Terrível” e “Por Isso Corro Demais”, ambas as músicas do disco “Roberto Carlos em Ritmo de Aventura”, disco que era a trilha sonora do filme do mesmo nome.

Todas essas facetas culturais – música, cinema e literatura – foram feitas em 1967. Foi um ano, portanto, de grande diversidade criativa de Roberto Carlos. Era fundamental para o artista ser bem-sucedido nessas expressões. É impensável falarmos de música brasileira sem

compreendermos a importância de Roberto Carlos. Seus filmes foram sucesso absoluto nas bilheterias, ainda hoje lembrados como marcas importantes no Cinema Nacional. Quanto ao livro, a sua importância e significado perderam-se ao longo do século XX. Cabe a nós, historiadores, reconhecermos a existência e a importância das crônicas do escritor Roberto Carlos para documentarmos a cultura da efervescente década de 60. Ao menos, as concepções de infância do cantor Roberto Carlos em seu livro “*Roberto Carlos em Prosa e Versos*” estão aqui, neste artigo, devidamente discutidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARAÚJO, Paulo César. *Roberto Carlos em Detalhes*. São Paulo : Ed. Planeta do Brasil, 2006.
- HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. “*Roberto Carlos*”. São Paulo : Abril Cultural, 1971.
- PUGIALLI, Ricardo. *Almanaque da Jovem Guarda*. São Paulo : Ediouro, 2006.
- ROBERTO CARLOS, (Braga). *Roberto Carlos em Prosa e Versos*. São Paulo : Ed. Formar, vols.1-4, 1967.
- VILLARES, Lúcia. *John Lennon: no céu com diamantes*. São Paulo : Brasiliense, 4.^a ed., 1984.